

Entre o Côa e Siega Verde: resultados da primeira fase de prospecções arqueológicas

Miguel Almeida, Thierry Aubry,
Fernando Barbosa, Luís Luís,
André Tomás Santos, Marcelo Silvestre

Resumo

Embora a prospeção entre os rios Côa e Águeda ainda esteja longe de terminada, ela permitiu já:

- Comprovar a ocupação de ambientes geológicos, topográficos e ecológicos muito diversificados deste vasto território durante o Paleolítico Superior, preenchendo o vazio ilusório entre as gravuras do Baixo Côa e as do Águeda (Siega Verde, Redor do Porco e Arroyo de las Almas);
- Identificar nesses sítios a presença de sílex e silcretos alóctones e localizar a origem de matérias-primas representadas noutros sítios paleolíticos do Baixo Côa, documentando objetivamente a mobilidade dos grupos pré-históricos; e
- Identificar vestígios de arte móvel, longe das ocupações do fundo do vale.

Não menos importante, os novos dados de prospeção confirmam a ocupação da região durante o Paleolítico Médio, já conhecida no sítio de Cardina-Salto do Boi.

Estes dados reforçam a urgência da investigação acerca da evolução geomorfológica, paleoclimática, paleoambiental e paleoecológica deste território, indispensável para a compreensão das manifestações gráficas produzidas pelas comunidades de caçadores-recolectores do Paleolítico Superior.

Enquadramento

Um século depois da descoberta da arte de Altamira e uma década antes da do Côa, a utilização de suportes rochosos ao ar livre para a realização de gravuras durante o Pleistoceno foi pela primeira vez avançada

com a atribuição das gravuras de Mazouco ao Paleolítico Superior, mais precisamente ao Magdalenense (Jorge *et al.*, 1981). Apesar da descoberta de uma concentração mais importante de gravuras com características morfoestilísticas paleolíticas em Siega Verde (Balbín *et al.*, 1991), estes grafismos ao ar livre eram considerados como exceções que confirmavam a regra da arte paleolítica como uma arte das cavernas e, dado este seu suposto carácter “marginal”, continuaram desconhecidos do grande público.

Em 1991, no momento da descoberta da rocha 1 da Canada do Inferno por Nelson Rebanda, a atribuição cronológica da arte do Côa sustentou-se na comparação estilística com as manifestações de outros sítios descobertos na Península Ibérica (e.g. Rebanda, 1995; Zilhão, 1995; Baptista e Gomes, 1997).

Como era expectável, o programa de datação direta de microfragmentos de matéria orgânica recolhidos nas superfícies rochosas e nos traços gravados produziu resultados irrelevantes, fornecendo apenas idades mínimas para as gravuras (Monges Soares, 1995), enquanto o método de datação por microerosão tentado no Côa foi também categoricamente refutado (Zilhão, 1995).

As primeiras prospecções realizadas por arqueólogos com experiência na deteção de vestígios de ocupações paleolíticas ao ar livre e a descoberta do sítio da Cardina-Salto do Boi, em agosto de 1995, demonstraram que a suposta ausência de vestígios da ocupação humana paleolítica na região resultava simplesmente da falta de prospeção ou de critérios adequados de atribuição cronocultural dos vestígios encontrados à superfície (Zilhão *et al.*, 1995). Os trabalhos de prospeção, sondagem e escavação realizados a partir de 1996 na região evidenciaram a presença de sítios no fundo dos vales dos rios Côa, Douro e percurso final da Ribeira de Aguiar, bem como no limite ocidental da Meseta, sobre rochas graníticas (**Fig. 1**, Zilhão *et al.*, 1997, Aubry, 1998, 2002). Depois, as escavações em área e o estudo dos vestígios arqueológicos demonstraram uma forte densidade de ocupação ao longo de grande parte do Paleolítico Superior, confirmada por datas absolutas obtidas por termoluminescência (TL) (Valladas *et al.*, 2001; Mercier *et al.*, 2001).

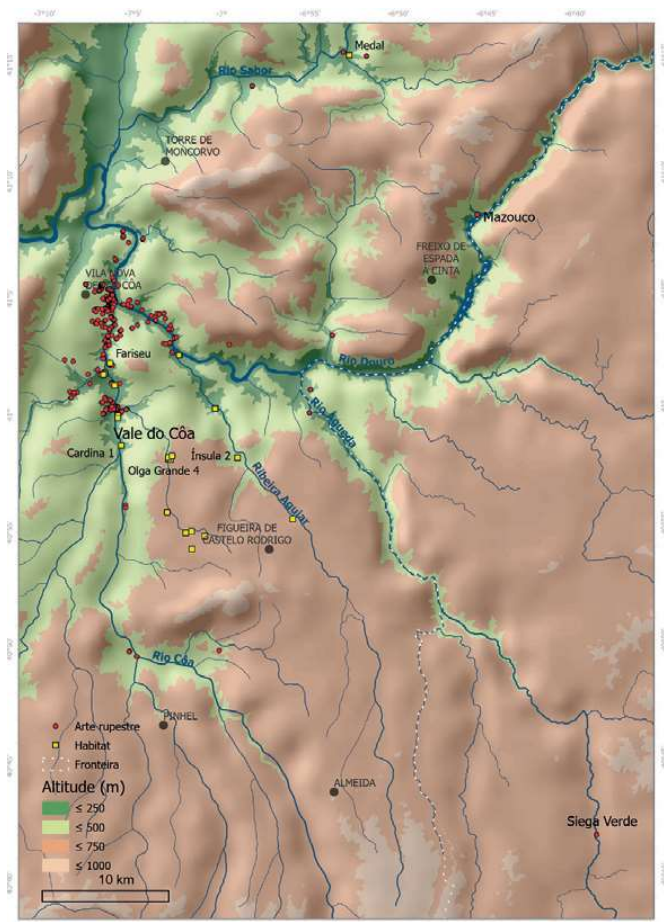


Fig. 1: As estações paleolíticas na bacia hidrográfica do Douro entre Siega Verde (Vale do Águeda) e o sítio do Medal (Vale do Sabor), conhecidas antes dos trabalhos de prospeção que aqui se dão a conhecer

Contudo, a demonstração da ocupação do Vale do Côa durante diversas fases do Paleolítico Superior só confirmava a existência de um contexto suscetível de legitimar a validade do método de comparação estilística (Aubry *et al.*, 2015). Em dezembro de 1999, com as sondagens realizadas frente à rocha 1 do sítio do Fariseu, foi estabelecida a primeira relação objetiva entre a arte e uma sequência de depósitos de vertente e aluviais com datas que confirmavam a validade da atribuição estilística e provavam inequivocamente a cronologia paleolítica das gravuras (Aubry, Baptista, 2000; Mercier *et al.*, 2006). Durante a escavação deste sítio em 2007, a descoberta de um fragmento da rocha gravada na base dos depósitos, sobre o afloramento rochoso, veio confirmar a hipótese da realização das gravuras antes da deposição da camada mais antiga, datada de há

cerca de 18.000 anos. Este achado demonstrou que a fase de gravação é anterior à fase fria, responsável pela fragmentação por crioclastia dos afloramentos rochosos que forneceu esta data. Além disso, uma outra data de 19.020 ± 80 BP (correspondendo a ca. de 22.500-23.000 em anos solares), obtida pelo método do ^{14}C a partir de um fragmento de carvão numa sondagem na parte central do sítio, revelou uma ocupação mais antiga, atribuída ao final do Solutrense conservada nessa área, assim como vestígios de ocupações ainda mais antigas (Aubry, 2009). Estes devem estar associados com a fase mais antiga da arte do Côa, atribuída a um período entre o Gravettense e o Solutrense médio (Santos, 2019: 194), sustentando-se esta atribuição no contexto arqueológico da região (Aubry, 2009), no estudo da relação entre as gravuras e os depósitos que as cobrem ou que foram erodidos pelo Côa (Aubry, Santos e Luís, 2014) e na comparação entre alguns dos impactos da rocha 1 da Canada do Inferno e os dos produzidos pelos picos encontrados na camada 3 do sítio de Olga Grande 4, datada de cerca de 30.000 anos (Plisson, 2009; Aubry, Luís e Sampaio, 2011). Esta hipótese é suportada também pelo estudo da relação entre a localização dos painéis e as topografias antigas do vale (Aubry *et al.*, 2010; Santos, 2019: 156-158; Aubry *et al.*, 2020a), bem como na comparação estilística com outros sítios do Sudoeste europeu (*e.g.* Guy, 2000; Zilhão, 2003; Santos, 2019: 166-173). Por outro lado, a descoberta de vestígios de arte móvel na camada 4 do Fariseu permitiu confirmar a existência e caracterizar uma arte figurativa azilense, bem representada na arte rupestre do vale, correspondendo à fase mais recente da arte do Paleolítico Superior, datada de cerca de 12.000 anos, sendo, portanto, coeva da última fase fria do Pleistoceno (Santos *et al.*, 2018). Atualmente não é possível atribuir uma cronologia rigorosa às fases artísticas intermédias, situadas entre a fase antiga da rocha 1 e a arte azilense, que fecha o ciclo pleistocénico. De momento, esta atribuição é feita com base na comparação estilística com outras regiões, sendo seguro, no entanto, o seu posicionamento cronológico entre as duas fases extremas, graças à estratigrafia parietal de algumas rochas e à análise geoarqueológica de alguns setores do vale

(Santos, 2019). Esta imprecisão deve-se sobretudo à ausência na região de contextos sedimentares bem conservados, datáveis do Solutrense e do Magdalenense, apesar de algumas peças diagnósticas, assim como diversas datações TL, confirmarem a sua existência (Zilhão *et al.*, 1995; Zilhão, 1997; Aubry, 2009; Aubry *et al.*, 2010).

Os trabalhos que temos vindo a desenvolver no âmbito do PALÆOCÔA apontavam para o facto dos eventos erosivos que se atestam no vale não terem sido tão intensos no Fariseu, devido ao efeito conjugado da configuração do seu meandro, da orientação das diáclases que aí se encontram e consequente diminuição da dinâmica hídrica nas reentrâncias da vertente. Como tal, havia a possibilidade de o sítio ter conservado parte dos depósitos destruídos noutros setores do vale por efeito dos referidos eventos erosivos, designadamente os de cronologia magdalenense.

Novas escavações realizadas em 2020 no Fariseu permitiram testar algumas hipóteses relativas à conservação de depósitos e vestígios de ocupação humana na área do meandro, a montante da rocha

1, que se encontra inacessível devido à albufeira do Pocinho. Os trabalhos realizaram-se junto à rocha 9, localizada a cerca de 100 metros para montante da rocha 1 (Aubry *et al.*, 2020b, **Fig. 2**). Identificou-se uma representação de auroque com mais de 3,5 metros de comprimento, acompanhada de uma cabeça de cerva, uma cabra-montês e uma fêmea de auroque seguida pelo seu vitelo, assim como um outro conjunto de gravuras, contendo várias representações de auroques, veados e cavalos, cobertos por sedimentos pleistocénicos. As figuras mais baixas do painel estão cobertas por uma unidade sedimentar correlacionada com a camada que forneceu o carvão datado de cerca de 23.000 anos na sondagem central das escavações de 2007, perto da Rocha 1.

Alem de permitir estabelecer relações diretas com a arte do Vale do Côa, os vestígios arqueológicos do Paleolítico Superior revelam informações sobre as rochas que foram utilizadas na elaboração das ferramentas de pedra lascada. A determinação da origem das rochas que não estão disponíveis perto dos sítios, define os espaços geográficos explorados e a mobi-



Fig. 2: Painel esquerdo da rocha 9 do Fariseu, nele se observando um auroque de pouco mais de 3,5 m, um prótomo de cerva, um auroque fêmea seguido de seu vitelo e uma cabra-montês, provavelmente fêmea.

lidade dos grupos humanos à escala do território de exploração dos recursos locais e regionais, bem como da origem de sílex e silcretos provenientes do interior da Meseta e do litoral estremenho, que devem refletir fenómenos de mobilidade de grupos que se encontravam no Côa periodicamente (Aubry *et al.*, 2012, 2016). As prospeções realizadas no início dos anos 2000 sugeriam a existência de outras concentrações de sítios atribuíveis ao Paleolítico, na área do planalto granítico compreendida entre o Côa, a Serra da Marofa e o Rio Águeda. Todavia, a maioria dos vestígios líticos encontrados à superfície não apresentava características tipo-tecnológicas que permitissem a sua atribuição cronocultural segura e definitiva (Aubry, 2009).

Objectivos da prospeção de 2020

Em virtude desta perceção de incompletude do registo arqueológico conhecido, marcado pela prevalência esmagadora de vestígios paleolíticos em ambientes sedimentares de fundo de vale, ou muito concentrados no planalto (v. **Fig. 1**), a presente intervenção de prospeção orienta-se especificamente para zonas topográfica e ecologicamente distintas daquelas já prospetadas entre 1996 e 2009, a fim de despistar a eventual preservação de sítios arqueológicos nestas zonas e perceber a sua relação com os sítios conhecidos no fundo dos vales, em ambientes semelhantes aos das próprias gravuras.

Porém, a intervenção não foi desenhada para produzir uma imagem exaustiva da sua enorme área geográfica (objetivo para muitos anos de trabalho de terreno), mas sim para:

- (1) testar a possibilidade de preservação de sítios arqueológicos nesta área, através da deteção de sítios ou potenciais sítios arqueológicos em ambientes geográficos diferentes do fundo do vale; mas também, e talvez até sobretudo,
- (2) identificar os critérios determinantes da preservação de vestígios pleistocénicos nesses ambientes sedimentares e situações geomorfológicas distintas daquelas que até ao presente proporcionaram o essencial da informação conhecida acerca dos caçadores-recolectores da região do Côa.

Do ponto de vista prático, trata-se de:

- (1) construir, implementar e refinar uma metodologia de prospeção ajustada aos objetivos da intervenção, combinando técnicas de análise e interpretação preditiva da informação existente com a aplicação de métodos de prospeção de superfície, deteção remota e intrusivos no solo;
- (2) alargar objetivamente a base documental da ocupação antrópica pleistocénica da região através da identificação de novos sítios e potenciais sítios arqueológicos coevos das gravuras paleolíticas do Vale do Côa, talvez economicamente complementares dos já conhecidos em contexto de fundo de vale; e
- (3) recolher no terreno as informações necessárias para a subsequente construção de um modelo preditivo da localização de sítios arqueológicos pleistocénicos bem preservados fora das condições de fundo de vale.

A construção de um modelo deste tipo para o Pleistoceno superior na multifacetada região de entre o Côa e o Águeda exigirá, em última análise, um esforço de:

- (1) Compreensão detalhada da evolução geomorfológica; e a
- (2) Reconstituição paleoambiental da área de estudo.

Estes objetivos já não cabem no âmbito específico do presente projeto de prospeção arqueológica, mas serão decisivos para o futuro da investigação arqueológica na região (cfr. *infra*), particularmente para a caracterização paleoetnológica dos grupos de caçadores-recolectores responsáveis pelas realização das gravuras do Côa, para o conhecimento dos espaços explorados, mobilidade, estratégias de exploração desses territórios e relações com outros territórios e/ou grupos próximos.

Estratégia e métodos

Para cumprir os objetivos descritos *supra*, definimos uma estratégia de trabalho assente num conhecimento prévio profundo do registo arqueológico pleistocénico da região, adquirido ao longo de mais de duas dezenas de anos de trabalhos de terreno, partindo-se desse conhecimento para:

- (1) A criação de mapas de sensibilidade arqueológica e identificação de áreas prioritárias de interesse com base na análise da documentação cartográfica, geológica e arqueológica preexistente;
- (2) A prospeção de superfície nas áreas predefinidas com vista à deteção de indícios de sítios arqueológicos, vestígios artísticos e fontes de matéria-prima;
- (3) O estudo laboratorial dos materiais e informações recolhidas na prospeção de superfície;
- (4) A prospeção geofísica e sondagens geológicas intrusivas para confirmação dos dados de superfície, identificação de níveis arqueológicos em estratificação e delimitação espacial desses níveis preservados; com vista a, por fim, definir a lista de sítios a reter para
- (5) Intervenções de sondagem arqueológica manual desenhadas para avaliar com dados objetivos os índices de preservação, atribuição cronoestratigráfica e potencial informativo de cada um dos sítios eleitos.

No que respeita à metodologia de trabalho, recorreu-se igualmente às tecnologias de informação geográfica, tendo a utilização de imagens de satélite e a implementação de um sistema dedicado de informação geográfica, assumido aqui um papel determinante, mas estritamente instrumental, na busca e gestão de informação (topográfica, geológica, arqueológica, ...) relevante para a determinação das áreas preferenciais de prospeção.

A fase de prospeção de superfície, atualmente em curso, consiste num trabalho não-sistemático, antes orientado para a recolha de amostras e indícios arqueológicos de superfície sobre a estratificação subjacente dos sítios de interesse e a identificação e documentação preliminar de novos sítios de arte rupestre em áreas distintas das concentrações atualmente conhecidas.

O estudo laboratorial do material arqueológico recolhido à superfície segue um protocolo de caracterização petrológica e análise tecno-tipológica idêntico ao já aplicado a outras séries arqueológicas do Côa.

A fase de prospeção geofísica e sondagens geológicas recorrerá a uma diversidade de métodos intrusivos e

não-intrusivos para caracterização da estratificação e a realização de carotagens com trado manual para recuperação de amostras dos depósitos sedimentares fossilizados em sítios com potencial arqueológico.

Por fim, a derradeira fase de sondagens arqueológicas prévias respeitará igualmente o protocolo geoarqueológico desenvolvido ao longo das mais de duas décadas de investigação no Parque Arqueológico do Vale do Côa, beneficiando do conhecimento acumulado nesses trabalhos para visar o seu objetivo primordial: a avaliação do potencial arqueológico do vasto território entre os Vale do Côa e do Águeda.

Resultados preliminares

Embora a fase de prospeção ainda esteja longe do seu término, a lista de indícios identificados conta já várias dezenas de ocorrências, destacando-se alguns sítios de maior relevância científica (**fig. 3**) cuja aná-

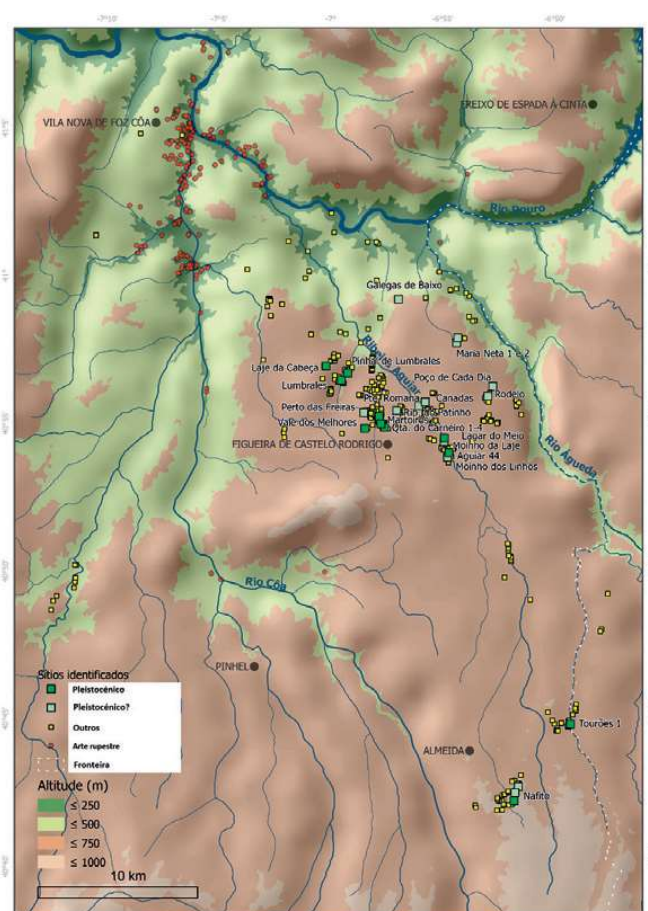


Fig. 3: Mapa de resultados da prospeção de 2020: principais sítios arqueológicos identificados

lise preliminar resulta num conjunto assinalável de observações científicas e hipóteses de trabalho:

- A documentação objetiva da ocupação de ambientes geológicos, topográficos e ecológicos diversificados nas áreas planálticas e vales secundários do território de entre os rios Côa e Águeda durante o Paleolítico Superior, nomeadamente a norte de Figueira de Castelo Rodrigo (**fig. 4**);

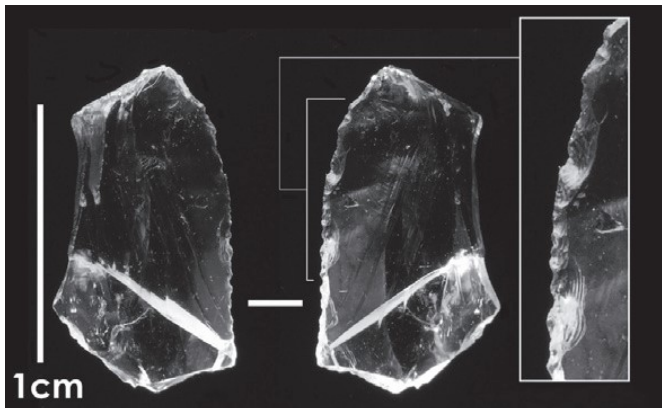


Fig. 4: Laje do Meio: lamela em quartzo hialino com retoque inverso

- A extensão desta ocupação paleolítica para sul, preenchendo assim o suposto ermo paleolítico entre as concentrações de gravuras do Baixo Côa e de Siega Verde (v. **fig. 3**);
- A localização de fontes de matéria-prima sistematicamente representadas nas indústrias líticas de sítios paleolíticos do baixo Côa, documentando assim com dados objetivos a mobilidade dos grupos paleolíticos neste território (**fig. 5**);
- A deteção, mesmo à superfície, de vestígios de pedra lascada em matérias-primas líticas alóctones, o que alarga a área de mobilidade, ou pelo menos as relações indiretas destes grupos de caçadores-recoletores com outros territórios geográficos contíguos;
- A descoberta num dos novos sítios identificados de fragmentos de plaquetas de rocha metamórfica gravadas, reforçando a associação cultural com os sítios arqueológicos e artísticos do fundo do vale (**fig. 6**);
- As características tecnológicas dos materiais recolhidos à superfície em vários sítios confirmam as observações tecnológicas e a sequência de

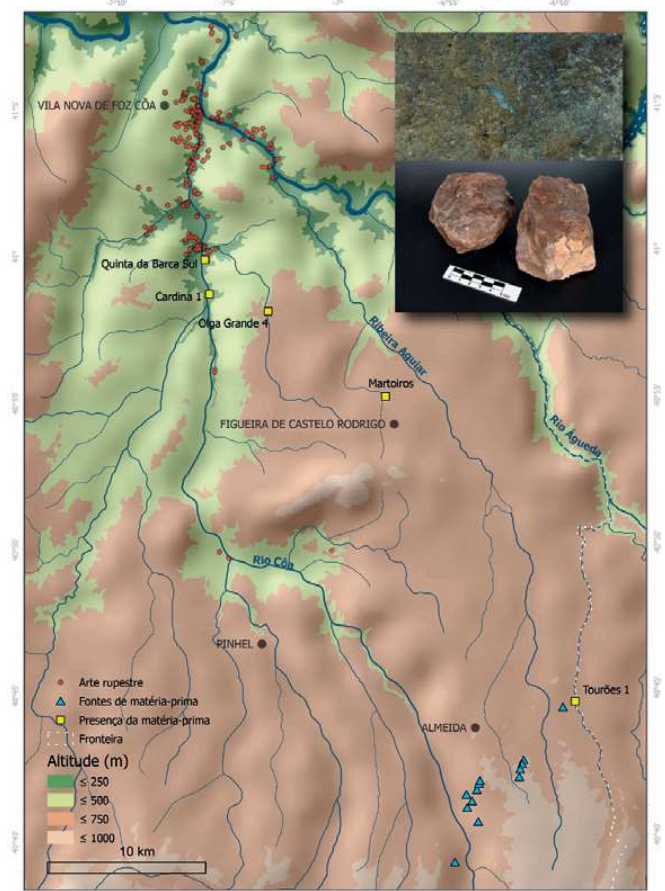


Fig. 5: Mapa de localização das fontes identificadas de matéria-prima Junça, sítios arqueológicos com objetos em Junça e imagem da matéria-prima



Fig. 6: Macro-foto de fragmento de plaqueta gravada de Martoiros

datas OSL da base da estratificação do sítio de Cardina-Salto do Boi, que revelam uma ocupação intensa durante o Paleolítico Médio (**fig. 7**); e, por fim



Fig. 7: Pinhal de Lumbrales: lascas em quartzito atribuídas ao Paleolítico médio

- Os resultados já obtidos fornecem mesmo indícios objectivos acerca da ocupação do território de entre os rios Côa e Águeda em momento anterior aos níveis arqueológicos mais antigos identificados em estratificação no sítio da Cardina / Salto do Boi (fig. 8).

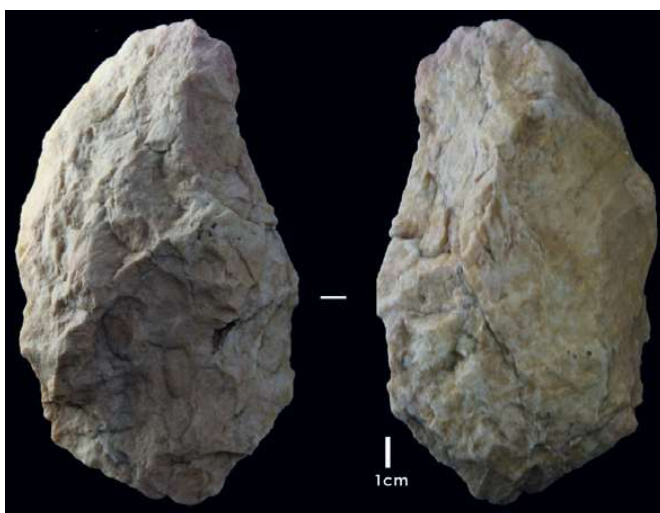


Fig. 8: Laje da Cabeça: Biface recolhido à superfície

Perspectivas

Como vimos *supra*, os trabalhos de prospeção já realizados nos vales da Ribeira de Aguiar e do Rio Águeda, mesmo que ainda muito restritos ao sector a norte de Figueira de Castelo Rodrigo, revelam resultados extremamente promissores, sobretudo quando se tem em conta que estão ainda por prospektar áreas seleccionadas importantes, com particular destaque para os sectores jusantes daqueles dois cursos de água.

A fase subsequente de prospeção geofísica e sondagens intrusivas visará produzir informação directa sobre a estratificação preservada nos vários sítios localizados em prospeção de superfície, a fim de seleccionar aqueles com maiores probabilidades de conservação de níveis (e estruturas) arqueológicos bem preservados, para se proceder à realização de sondagens arqueológicas manuais nesses sítios de maior potencial, a fim de confirmar a sua relevância e obter as primeiras informações e espólio em contextos estratificados.

Mais, os resultados já obtidos permitem desde já abrir perspectivas que ultrapassam claramente os limites do presente projeto de prospeção, incluindo:

- A intensificação da prospeção no planalto granítico da Meseta, nomeadamente a norte de Figueira de Castelo Rodrigo, onde no curso do nosso projeto se identificou uma concentração de sítios e de vestígios que indicam uma ocupação antrópica muito significativa;
- O alargamento da área de prospeção sistemática para sul, em todo o planalto compreendido entre os cursos montantes dos rios Côa e Águeda, estruturado pela Ribeira dos Tourões e a secção inicial do Rio Seco / Ribeira de Aguiar, buscando-se, nomeadamente, (1) os percursos de circulação que permitiam vencer o obstáculo da Marofa e (2) elementos para a compreensão das modalidades de exploração do vasto planalto de Almeida, entre o Rio Côa e a Ribeira dos Tourões, e mesmo do território entre esta Ribeira dos Tourões e o Rio Águeda; e
- A realização de sondagens e escavações arqueológicas nos sítios de maior potencial, descobertos

em prospeção, visando complementar os dados de superfície já recolhidos com espólio e informação associada proveniente de contextos estratigráficos íntegros, a fim de:

- i) Caracterizar cronocultural e funcionalmente essas ocupações;
- ii) Estudar a sua eventual complementaridade relativamente aos sítios conhecidos do fundo do vale, para construção de um modelo de exploração do território baseado em dados objetivos; e
- iii) Recolher informações relevantes para a compreensão das relações, diretas ou indiretas, dos grupos que ocuparam este território com outros territórios e grupos vizinhos.

Deve notar-se, por fim, que os resultados deste projeto de prospeção confirmam de forma inelutável uma evidência que o desenvolvimento anterior dos trabalhos de investigação arqueológica no Côa já indicava:

- Se, como referimos *supra*, a descoberta da arte do Côa nos ofereceu uma oportunidade excepcional de investigação acerca das comunidades paleolíticas peninsulares, não apenas pela riqueza da informação cultural das próprias gravuras, mas também pela objetivação de um território coerente a partir do qual a informação contextual pode ser buscada e interpretada,
- É hoje absolutamente evidente que esse esforço de investigação arqueológica, que tem produzido resultados notáveis, deve ser complementado com um esforço correlativo de investigação nas áreas da Geomorfologia, Paleoclimatologia e Paleobotânica, que permitam produzir um Modelo de evolução geomorfológica e uma Reconstrução paleoambiental do território de entre Côa e Águeda;
 - 1) Sem esse Modelo de evolução geomorfológica não ultrapassaremos a capacidade de localização preditiva de sítios arqueológicos dos métodos de prospeção atuais; e
 - 2) Sem essa Reconstrução paleoambiental regional nunca compreenderemos realmente as condições de subsistência do(s) grupo(s) paleolítico(s) do território de entre Côa e Águeda,

nem, por isso, seremos capazes de interpretar as suas opções económicas, as suas estruturas sociais e os seus dramas quotidianos; Nem a sua arte!

Bibliografia

AUBRY, Thierry (1998) - Olga Grande 4: uma sequência do Paleolítico superior no planalto entre o Rio Côa e a Ribeira de Aguiar. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 1 (1): 5-26.

AUBRY, Thierry (2002) - Le contexte archéologique de l'art paléolithique à l'air libre de la vallée du Côa. In Sacchi, D., ed. - *L'art paléolithique à l'air libre: le paysage modifié par l'image (Tautavel, Campôme, 7-9 octobre 1999)*. Saint-Estève: GAEP; GÉOPRE, pp. 25-38.

AUBRY, Thierry (ed.) (2009) - *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa: IGESPAR, I. P., Trabalhos de Arqueologia, 52.

AUBRY, Thierry ; BAPTISTA, António Martinho (2000) - Une datation objective de l'art du Côa. *La Recherche*. Bruxelas. Hors Série. 4: 54-55.

AUBRY, Thierry; LUÍS, Luís; SAMPAIO, Jorge Davide (2006) - Primeira datação absoluta para a arte paleolítica ao ar livre: Os dados do Fariseu (Vila Nova de Foz Côa). *Al-Madan*. 14:2.^a série: 48-52.

AUBRY, Thierry; SAMPAIO Jorge Davide; LUÍS, Luís (2009) - 3. Metodologia de aquisição e caracterização dos dados arqueológicos. In AUBRY, Thierry (ed.), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa: IGESPAR, I. P., Trabalhos de Arqueologia, 52, pp. 31-93.

AUBRY, Thierry; SAMPAIO, Jorge Davide; LUÍS, Luís (2011) - Approche expérimentale appliquée à l'étude des vestiges du Paléolithique supérieur de la Vallée du Côa (Portugal). In MORGADO, Antonio; BAE-NA PREYSLER, Javier e GARCÍA GONZÁLEZ, David

(eds.)— *La investigación experimental aplicada a la Arqueología*. Vol. 1: *Tecnología y traceología lítica prehistórica y su experimentación*. Granada: Universidad de Granada, pp. 87-96.

AUBRY, Thierry; MANGADO, LLACH Xavier; SELAMI, Farid; SAMPAIO, Jorge Davide (2002) - Open-air Rock-art. Territories and modes of exploitation during the Upper Paleolithic in the Côa Valley (Portugal). *Antiquity*, 76 (291): 62-76.

AUBRY, Thierry; DIMUCCIO, Luca, A.; BERGADÀ, Maria Mercé; SAMPAIO, Jorge Davide; SELLAMI, Farid (2010) - Palaeolithic engravings and sedimentary environments in the Côa River Valley (Portugal): implications for the detection, interpretation and dating of open-air rock art. *Journal of Archaeological Science*. 37: 3306-3319.

AUBRY, Thierry; LUÍS, Luís; MANGADO LLACH, Javier; MATIAS, Henrique (2012) - We will be known by the tracks we leave behind: exotic lithic raw materials, mobility and social networking among the Côa Valley foragers (Portugal). *Journal of Anthropological Archaeology*, 31: 528-550.

AUBRY, Thierry; SANTOS, André T. ; LUÍS, Luís (2014) - Stratigraphies du panneau 1 de Fariseu: analyse structurelle d'un système graphique paléolithique à l'air libre de la vallée du Côa (Portugal). In PAILLET, P. (ed.), *Les arts de la Préhistoire: micro-analyses, mises en contextes et conservation*. Actes du colloque "Micro-analyses et datations de l'art préhistorique dans son contexte archéologique", MADAPCA - Paris, 16-18 novembre 2011, Les Eyzies : SAMRA, *Paleo*, numéro spécial (2014), pp. 259-270.

AUBRY, Thierry; BARBOSA, António, Fernando; LUÍS, Luís, SANTOS, André, Tomás, SILVESTRE, Marcelo (2015) - Escavar para quê? Conhecer os artistas para compreender a arte do Côa. *Coavisão*, 17:120-130.

AUBRY, Thierry; GAMEIRO, Cristina; MANGADO LLACH, Javier; LUÍS, Luís; MATIAS, Henrique; PEREIRO, Tiago (2016) - Upper Palaeolithic lithic raw material

sourcing in Central and Northern Portugal as an aid to reconstructing hunter-gatherer societies. *Journal of Lithic Studies* 3(2). doi: 10.2218/jls.v3i2.1436

AUBRY, Thierry; SANTOS, André, Tomás.; LUÍS, Luís, BARBOSA, António Fernando; SILVESTRE, Marcelo (2020a) - Fluvial dynamics and palaeolithic settlement: new data from the Côa Valley (Portugal), in Rodríguez-Álvarez X. P., Lombera-Hermida A. de, Fábregas-Valcarce R. & Otte M. (eds), *Palaeolithic of Northwest Iberia and beyond: multidisciplinary approaches to the analysis of Late Quaternary hunter-gatherer societies*. *Comptes Rendus Palevol* 19 (7): 117-135. <https://doi.org/10.5852/cr-palevol-2020v19a7>.

AUBRY, Thierry; BARBOSA, António, Fernando; LUÍS, Luís; SANTOS, André, Tomás; SILVESTRE, Marcelo (2020b) - Fariseu, 20 anos Depois: novidades da arte paleolítica do Côa. *Al-Madan* online.

BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo; ALCOLEA GONZÁLEZ, José J.; SANTONJA GÓMEZ, Manuel; PÉREZ MARTÍN, Rosario (1991) - Siega Verde (Salamanca). Yacimiento artístico paleolítico al aire libre. In SANTONJA GÓMEZ, Manuel (ed.), *Del Paleolítico a la Historia Salamanca*: Museo de Salamanca, pp. 33-48.

BAPTISTA, António Martinho; GOMES, Mário Varela (1997) - Arte rupestre. In ZILHÃO, João (ed.), *Arte rupestre e Pré-história do Vale do Côa*. Lisboa: Ministério da Cultura, pp. 211-406.

JORGE, Susana, O.; JORGE, Vítor O.; DE ALMEIDA, Carlos A.F.; SANCHES, Jesus; SOEIRO Teresa. (1981) - Gravuras rupestres de Mazouco (Freixo de Espada à Cinta). *Arqueologia*. 3: 3-12.

LUÍS, Luís (2009) - Rocha 24 da Ribeira de Piscos: contexto estratigráfico de uma rocha gravada. In AUBRY, Thierry (ed.), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa: IGESPAR, I. P., *Trabalhos de Arqueologia*, 52, pp. 84-93.

MERCIER, Norbert; VALLADAS, Hélène; FROGET, L.; JORONS, Jean-Louis e AUBRY, Thierry (2001) - Application de la méthode de la thermoluminescence à la datation des occupations paléolithiques de la Vallée du Côa. In Zilhão, J.; Aubry, T. e Carvalho, A. F., ed. - *Les premiers hommes modernes de la péninsule ibérique (Actes du Colloque de la Commission VIII de l'UISPP, Vila Nova de Foz Côa, 22-24 Octobre 1998)*. Lisboa: IPA, pp. 275-280.

MERCIER, Norbert; VALLADAS, Hélène; AUBRY, Thierry; ZILHÃO, João; JORONS, Jean-Louis; REYSS, Jean-Louis; SELLAMI, Farid (2006) - Fariseu: First confirmed open-air Palaeolithic parietal art site in the Côa Valley (Portugal). *Antiquity*. 80:310.

MONGES SOARES, António (1995) - Os charlatões do Côa. In Jorge, Vítor Oliveira, ed. (1995) - *Dossier Côa*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. (separata especial dos Trabalhos de Antropologia e Etnologia. 35 (4), pp. 423-426.

PLISSON, Hugues (2009) - Analyse tracéologique de 4 pícs d'Olga Grande: des outils pour les gravures de plein air? In AUBRY, Thierry (ed.), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa: IGESPAR, I. P. (Trabalhos de Arqueologia, 52), pp. 436-443.

REBANDA, Nelson (1995) - *Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre*

SANTOS, André Tomás (2019) - *A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo: uma visão de conjunto*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses (Monografias AAP, 9).

SANTOS, André Tomás; BARBOSA, António Fernando; AUBRY, Thierry; GARCÍA DÍEZ, Marcos; SAMPAIO, Jorge Davide (2018) - O final do ciclo gráfico paleolítico do Vale do Côa: a arte móvel do Fariseu (Muxagata, Vila Nova de Foz Côa). *Portvgalia*. Porto. 39: 5-96.

VALLADAS, Hélène; MERCIER, Norbert; FROGET, L.; JORONS, Jean-Louis; REYSS, Jean-Louis ; AUBRY, Thierry (2001) - TL Dating of Upper Palaeolithic Sites in the Côa Valley (Portugal). *Quaternary Science Reviews*. 20 (5-9): 939-943.

ZILHÃO, João, ed. (1997) - *Arte rupestre e Pré-história do Vale do Côa: trabalhos de 1995-1996*. Lisboa: Ministério da Cultura.

ZILHÃO, João (1995) - The Age of the Côa Valley (Portugal) Rock-Art: Validation of Archaeological Dating to the Paleolithic and Refutation of 'Scientific' Dating to Historic or Proto-Historic Times. *Antiquity*. 69 (266): 883-901.

ZILHÃO, João (2003) - Vers une chronologie plus fine du cycle ancien de l'art paléolithique de la Côa: quelques hypothèses de travail. In Balbín, R. de; Buena Ramírez, P., ed. - *El arte prehistorico desde los inicios del siglo XX: Primer symposium internacional de arte prehistorico de Ribadesella*. Ribadesella: Asociación Cultural Amigos de Ribadesella. pp. 75-90.

ZILHÃO, João; AUBRY, Thierry; FAUSTINO DE CARVALHO, António; ZAMBUJO, Gertrudes; ALMEIDA, Francisco (1995) - O sítio arqueológico paleolítico do Salto do boi (Cardina, Santa Comba, Vila Nova de Foz Côa): In *Actas do Iº Congresso de Arqueologia Peninsular: Trabalhos de Antropologia e Etnologia Vol. 35 (4): 471-485*.